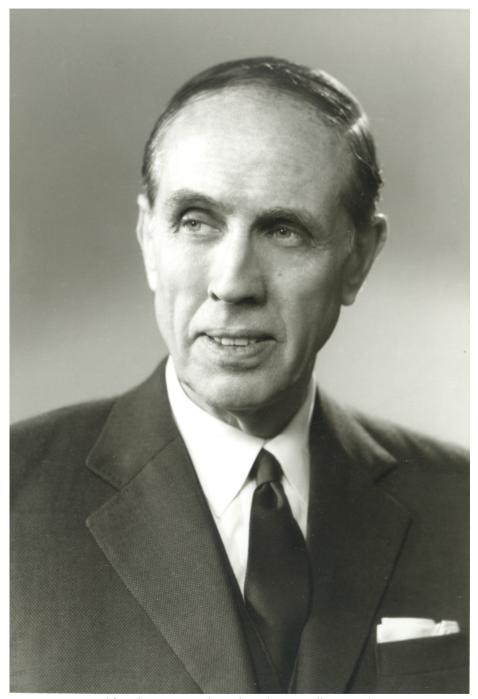
CORRESPONDÊNCIA

Delfim Santos e Joaquim Paço d'Arcos, 1953-1962



Joaquim Belford Corrêa da Silva (Paço d'Arcos), 1908-1979

Dedicatória de Joaquim Paço d'Arcos para Delfim Santos, jan. 53

Joaquim PAÇO D'ARCOS (1952) Poemas Imperfeitos, Lisboa: SIT.

ao Poet Delfin Santos.

tributs e lambrança do

POEMAS
IMPERFEITOS

grande apriço e estima

do Joaquin Paçod'arcos.

Linboa, jan 53.

Ar. Jitais pept a Agrica.

38-4°

Ao Prof[essor] Delfim Santos, tributo e lembrança do grande apreço e estima

do Joaquim Paço d'Arcos.

Lisboa, jan.º 53.

[por Delfim Santos:] Av. António Augusto de Aguiar 38 - 4º Lxboa

Dois poemas de Poemas Imperfeitos

FOI NUMA TERRA DISTANTE, NA COSTA DA CHINA...

Teus olhos cinzentos, teus olhos castanhos, teus olhos negros, azuis, esverdeados, - De que cor? Meu Deus! -Teus olhos fitaram os meus.

Foi numa terra distante, na Costa da China.

Não fixei a cor dos teus olhos,

nem a dos teus cabelos;

Mas os anos passaram e não esqueci teus olhos,

Nem os teus cabelos.

Não te esqueci, a ti,

Nem as tardes quentes, húmidas, pegajosas,

Ou as noite mornas,

em que só teus olhos brilhavam

Junto de mim.

Não esqueci os gritos das mulheres

nos san-pans atracados,

O chapinhar da água lodosa na baixa-mar,

O ruído das pedras do mah-jong,

Aquele baralhar contínuo,

por detrás das persianas cerradas,

Ao longo do nosso caminho!

Foi numa cidade remota na Costa da China...

- Que é feito de ti?

E dos teus olhos em que os meus viram

todas as cores do céu?

Onde pairam os san-pans abrigados na baía,

Onde vão as águas lodosas da baía?

Porque não oiço o marulhar das pedras do mah-jong

E o perpétuo marulhar da vaga na enseada?

Porque não fecho mais as portas

e calafeto as janelas

Em dia de tufão?

Porque não te sentas mais nas pedras da muralha Demolida pelo tufão? Porque não estraleja o fogo em noite de noivado, Ou reboam os gongos em procissão? Porque não percorremos mais as ruas em jirinkshá E nos perdemos nas vielas escusas de Shi-lu-há?

Porque havia de me perder noutros caminhos, - Mas sem ti?! Porque não haveria mais de palmilhar os caminhos em que te encontrei – a ti?! E porque havia de sentir toda a vida o brilho dos teus olhos De cor indefinida? Porque havia de me acompanhar toda a vida A luz dos teus olhos, Se os gongos se calaram, Se os gritos emudeceram, Se as muralhas tombaram, Se os san-pans partiram, Se as águas secaram, Se tudo mudou? Porque só tu persistes na lembrança, Se tudo morreu? Porque vens ainda à minha vida, Se eu já sou outro, nada subsiste de mim?

Teus olhos cinzentos, azuis, esverdeados,

– De que cor? Meu Deus! –

Ficaram em terra,

Nessa cidade remota na Costa da China.

Todos os mares nos separam,

Mas a água toda do mar não foi bastante

Para apagar dentro de mim o fogo dos teus olhos,

O fogo que arde numa cidade remota,

na Costa da China...

[PAÇO D'ARCOS 1952, 45-50].

O MEU VESTIDO DE VELUDO COM RENDAS BRANCAS

Quando eu era pequenino
Tinha um vestido de veludo com rendas brancas.
Ia a passeio com o vestido de veludo
E tinha os cabelos loiros
da cor dos teus cabelos loiros.
O vestido era igual ao teu vestido,
As rendas eram iguais às tuas rendas.

Mas eu era pequenino e perdi o vestido, E cortei os caracóis loiros. A minha mãe guardou as rendas num baú, para o meu irmão que ainda era mais pequenino. E nunca mais me lembrei das rendas até que te encontrei. E então vi-te com o vestido preto e as rendas da minha infância, E os cabelos loiros, platinados, de caracóis de criança. E lembrei-me dos anos todos que passaram desde que me perdi até que te encontrei, *E lembrei-me dos luares como este luar dourado,* Mas sem as rendas do teu vestido e sem o loiro dos teus cabelos. E por isso este luar é afinal mais dourado Porque tem o oiro dos teus cabelos. E eu tenho a saudade das minhas rendas e dos veludos que perdi, A saudade que vem do longe da minha infância,

Dá-me os meus veludos, minhas rendas brancas, Dá-me o oiro da infância que perdi, Tudo que guardas e foi meu em lembrança distante, Tudo que cobre o teu corpo de amante E em saudade possuí.

Até à vereda, ao luar, em que te encontrei a ti.

[PAÇO D'ARCOS 1952, 67-70].

Carta de Delfim Santos para Joaquim Paço d'Arcos, 31.01.1953

Universidade de Lisboa Faculdade de Letras

31. 1. 53

Meu excelentíssimo Amigo:

Sensibilizou-me a sua grata oferta de *Poemas Imperfeitos*. Mas, nesta faina de "Vitória sobre a morte" – em que estamos empenhados, – tive de o fazer esperar pelo agradecimento devido. Preparava então uma conferência, depois e quase simultaneamente um ensaio para o Brasil e depois preparei-me para vencer a *gripe...* mas fui vencido... Só agora cá estou, certo de que me desculpará e não considerará falta de delicadeza a minha falta de notícias.

Tenho de confessar-lhe, porém, que se o fiz esperar pelo agradecimento, o seu livro não esperou pela leitura. Abri-o com surpresa e estranheza. Pousei-o. Mas o demónio da curiosidade obrigou-me, essa mesma noite, a lê-lo de princípio ao fim. Fez muito bem em publicá-lo; é um belo registo de vibração emotiva que só poeticamente poderia ser transmitida. O que não deixou de me interessar foi a circunstância curiosa de todos os seus poemas, ou quase todos, terem por tema, ou origem, o dépaysement não só psíquico mas geográfico. Começa pelas praias de África visionadas, para andar por todo o mundo, em vida brava, já que não pode realizar o sonho de ser patrão-mor na Ilha Brava... E sempre o movimento, a mobilidade, a água, o mar, os navios, os lagos ou os comboios. Isto é uma possibilidade de perspetiva do seu temperamento e, de certo modo, explicativa do seu tipo de vibração poética. Não há propriamente lirismo nem interiorismo subjetivo a partir de inicial solidão. Há sempre exterior e insatisfação n[ess]a possível fixação com o exterior. E neste sentido acho feliz a designação de 'poemas imperfeitos'; poemas que traduzem a inadequação da entrega, a impossibilidade de quietação, de permanecer, porque o movimento obriga...

206

 $^{^{\}rm 1}$ - Alusão ao último poema do livro, 'Escrever é Vencer a Morte', 137-140.

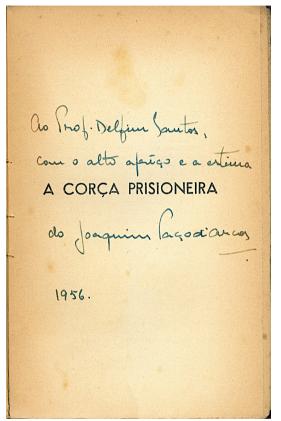
Mas, meu prezado confrade, eu não sou crítico. E a poesia é respeitável ainda que não explicável. Só quero que acredite que apreciei muito o seu livro que me levou ao estado poético de congeminação em prosa. Fico com ele.

Cordiais agradecimentos do seu admirador

Delfim Santos

Dedicatória de Joaquim Paço d'Arcos para Delfim Santos, 1956

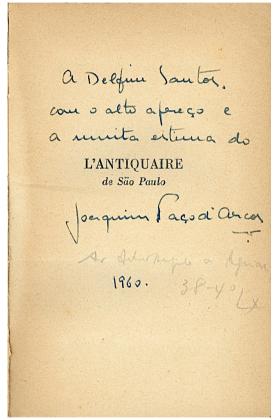
Joaquim PAÇO D'ARCOS (1956) A Corça Prisioneira, Lisboa: Guimarães.



Ao Prof[essor] Delfim Santos, com o alto apreço e a estima do Joaquim Paço d'Arcos. 1956.

Dedicatória de Joaquim Paço d'Arcos para Delfim Santos, 1960

Joaquim PAÇO D'ARCOS (1955) *L'Antiquaire de São Paulo*, traduzido por Jean B. Haupt, Paris: Robert Laffont.



A Delfim Santos,

com o alto apreço e a muita estima do

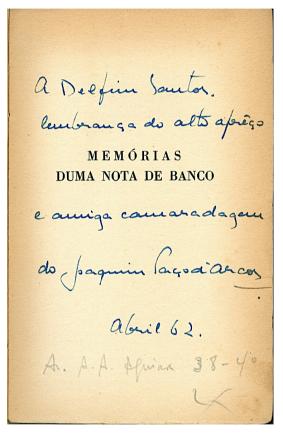
Joaquim Paço d'Arcos.

1960.

[por Delfim Santos:] Av. António Augusto de Aguiar 38 - 4º Lx

Dedicatória de Joaquim Paço d'Arcos para Delfim Santos, abr. 62.

Joaquim PAÇO D'ARCOS (1962) *Memórias duma Nota de Banco*, Lisboa: Guimarães.



A Delfim Santos, lembrança do alto apreço e amiga camaradagem do Joaquim Paço d'Arcos.

Abril 62.

[por Delfim Santos:] Av. A. A. Aguiar 38 - 4° Lx

Carta de Delfim Santos para Joaquim Paço d'Arcos, 07.05.1962

[sobre as Memórias duma Nota de Banco]

Meu caro Amigo:

Lamento só agora vir agradecer-lhe o seu livro e com esta demora não poder comprovar que imediatamente após o ter recebido o comecei a ler e continuei com ininterrupto interesse até à última página, preso pelo desenrolar das situações como em filme de *sketches* com momentos sentimentais, humorísticos, satíricos e trágicos.

Para esta sedução muito contribui o seu estilo preciso e incisivo, como admirável poder descritivo de situações e ambientes, quer no relevar da trama social, quer no conflito psicológico. Neste aspeto o seu livro é mostruário do seu multímodo talento na crítica dos casos que caraterizam situações sociais expressivas da vida burguesa.

Confesso-lhe no entanto – e esta confissão não tem sabor de crítica restritiva – que prefe[ri]ria que a sua nota não tivesse atravessado a fronteira e que por cá, e só por cá, nos revelasse outros casos sociais igualmente significativos não só literária mas sociologicamente, como o do prestamista ou do falsificador e de outros aspetos confrangedores, ridículos e impressionantes da nossa pobre vida nacional tão rica de situações a que uma nota de quinhentos [escudos] não ficaria insensível.

Precisamente pela admiração que me inspira o seu talento de despertar no leitor a meditação sobre as pequenas ironias da vida é que ainda mais desejoso fiquei de novas aventuras da sua nota em terras nossas com gente nossa, muito embora também muito tivesse apreciado o caso do diplomata...

Peço desculpa pela demora no agradecimento e agora pelo apressado registo de quanto me impressionou o seu livro e a sua maestria. E com os cumprimentos de muita estima

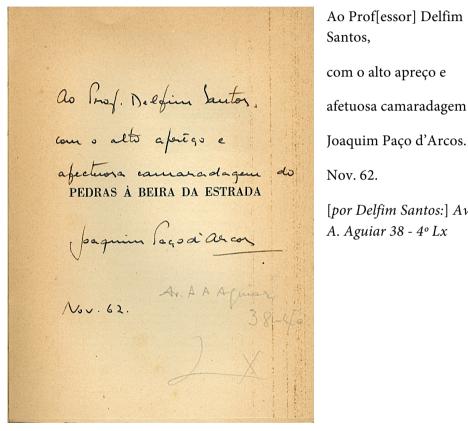
do seu admirador e amigo

Delfim Santos

7.V.62

Dedicatória de Joaquim Paço d'Arcos para Delfim Santos, nov. 62

Joaquim PAÇO D'ARCOS (1962) Pedras à Beira da Estrada: Notas e Perfis, 1929-1971, Lisboa: Guimarães.



Ao Prof[essor] Delfim Santos, com o alto apreço e afetuosa camaradagem do

Nov. 62.

[por Delfim Santos:] Av. A. A. Aguiar 38 - 4º Lx

